

FIGO DE TORRES NOVAS EM CRISE

A produção do figo preto de Torres Novas está a atravessar uma crise, atribuída sobretudo ao elevado nível etário dos proprietários, ao tipo de propriedade (minifúndio) e aos custos da mão-de-obra, disse à Lusa Alexandra Carvalho, técnica da Associação Nacional de Produtores de Frutos Secos e Passados (ANPFSP), que está a desenvolver um projecto em parceria com a Direcção Regional de Agricultura do Ribatejo e Oeste. A técnica está a identificar as manchas de figueiral no concelho de Torres Novas e os respectivos proprietários, de forma a que sejam apresentadas medidas com vista à sua "reconversão eficiente".

"Dos contactos que tenho mantido no terreno, à procura de indicadores que permitam identificar o que está mal, tenho percebido que a principal causa para a falta de interesse por esta cultura é de origem socioeconómica. Além da divisão da propriedade, a maior parte dos produtores contactados têm idades entre os 70 e os 90 anos, situação que se verifica também na mão-de-obra", acrescentou. Tanto a recolha como a secagem do figo preto é feita ainda de forma muito tradicional, com a recolha um a um para cestas de verga, o transporte para casa, onde o fruto é colocado em tabuleiros para a secagem e sujeito a escolhas sucessivas, sendo que apenas a primeira escolha acaba por ser comercializada.

Neste momento, a ANPFSP está sem capacidade de resposta para satisfazer grandes encomendas de figos frescos; ouvida pela Lusa, Ana Lopes explicou que a associação recebeu, na semana passada, uma encomenda de 1.000 toneladas de figos frescos, por parte de



Na apresentação da Feira Nacional dos Frutos Secos, os responsáveis da organização afirmam-se confiantes na recuperação do figueiral de Torres Novas.

uma empresa portuguesa intermediária de franceses interessados em figo fresco para congelação. Como a colheita está quase a acabar, apenas um produtor respondeu ao apelo que a associação lançou de imediato.

Para a associação, esta oportunidade de negócio pode ser explorada na próxima campanha, uma vez que o preço proposto é bastante interessante em relação ao trabalho e custos que representam todo o processo de secagem. O figo preto de Torres Novas não tem venda em fresco. "Se a proposta tivesse surgido no final de Julho, teria sido possível responder, pelo menos parcialmente, à encomenda", disse Ana Lopes, sublinhando o interesse dos produtores (concentrados sobretudo na região de Torres Novas e no Algarve) em explorar esta oportunidade de negócio na campanha do próximo ano.

No entender de Alexandra Carvalho,

o paradoxal é que "existe muita procura", pelo que é necessário um "apoio urgente" para continuar com a produção de figo; são precisas "propostas aliantes", porque a maior parte dos produtores inquiridos demonstra tendência para desistir, afirmou. Os primeiros resultados deste trabalho, bem como de um outro relacionado com a mosca mediterrânica (principal praga que afecta o figo), vão ser apresentados durante a XX Feira Nacional e XIV Internacional de Frutos Secos/III Feira do Figo Preto, que vai decorrer em Torres Novas de 01 a 09 de Outubro. Numa segunda fase o projecto será desenvolvido em concelhos limítrofes, como Tomar, onde existem figueirais "com boa produção", sendo intenção da ANPFSP alargá-lo ao território nacional, na expectativa de que, com a colaboração do Ministério da Agricultura, possam ser tomadas medidas concretas, adiantou.